

Efeitos na clínica dos ideais instituídos*

Silvia Leonor Alonso

Em meio ao reconhecimento social da psicanálise,
como não perder a potência disruptora que germinou
desde seu nascimento, e a fez fecunda?

Quando R. me procura para uma entrevista, apresenta-se como vencedor na vida. Bem-sucedido profissional e economicamente, revela-se incapaz de desfrutar deste êxito por causa da angústia na qual suas constantes atuações autodestrutivas o submergem. Estas põem em risco sua vida e traumáticamente fazem com que tenha contato com a possibilidade da morte.

Sabedor da sua necessidade de ajuda, carrega consigo uma grande descrença na possibilidade de analisar-se. Ao ser interrogado sobre isto, conta a história de várias tentativas de análise que não vingaram e refere-se, fundamentalmente, à última. Esta durou muito

pouco tempo; conforme conta, foi interrompida quando colocou a necessidade de diminuir o número de sessões semanais e o analista lhe respondeu que não podia porque uma análise “deve ser assim”. No final da segunda entrevista pergunta-me: “Como a sra. pensa que uma análise deve ser?” (referindo-se ao número de sessões). Respondo-lhe: “Quando você quer vir?”

Silvia Leonor Alonso — psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

* Tradução: Edna Matosinho de Pontes.

— na tentativa de remetê-lo novamente ao motor de sua procura e dar continuidade ao trabalho que conduziria até o início da análise.

Diz-me no transcurso de uma sessão: “Você só se importa com a psicanálise!”. Depois de um pesado silêncio depressivo, começa a falar de uma cena familiar, na qual podem se escutar os efeitos de uma forte aliança narcísica e narcisante dos pais com seus lugares sociais, deixando seu próprio desamparo infantil sem lugar. Penso que agora a situação se repete. O vencedor deixa o sofrimento girar no vazio e, sem outro espaço possível, o sofrimento grita através da atuação que põe em risco seu próprio corpo.

Mas, neste momento, volta-me a frase da primeira entrevista — “uma análise deve ser assim”. Ao fim da sessão, penso no encontro de dois corpos — suportes de dois ideais. Dois “vencedores”* que, na specularidade de seus sucessos, deixam, uma vez mais, o sofrimento sem escuta.

Num outro momento do dia, esta situação clínica volta-me à cabeça. Porém, vai-se desvinculando desse analisando e da complexidade de elementos desta análise e ligando-se, cada vez mais, a questões relativas ao analista e sua prática. E, uma pergunta vai surgindo: qual é a relação dos analistas com os ideais instituídos e quais seus efeitos na clínica?

A psicanálise em suas origens. Da marginalidade ao reconhecimento social.

A psicanálise nasce e vive seus primeiros tempos na marginalidade. À margem dos discursos científicos instituídos, à margem da Associação Médica de Viena, à margem dos meios acadêmicos.

Retornando a Viena, depois do período em Paris onde assistiu às conferências de Charcot, Freud expõe na Sociedade Médica de Viena suas experiências, Meynert o faz assumir o compromisso de apresentar

casos que comprovem suas idéias. O conflito que emerge na discussão de um caso de “hemianestesia num homem histérico” abala sensivelmente suas relações com a Sociedade Médica.

As tendências anti-semitas se impõem em Viena. Elas reinam na Sociedade Médica e na Faculdade de Medicina, forçando o adiamento de sua nomeação como professor por muito tempo. E, na época, era a partir do reconhecimento acadêmico que a confiança do público vienense era garantida. A falta deste emblema tem conseqüências signifi-

A psicanálise
nasce e vive
seus primeiros
tempos na
marginalidade.

ficativas no consultório de Freud.

Os anos que vão de 1888 a 1902 são para Freud marcados pelo isolamento. Refere-se a si mesmo como um “pobre ermitão”. É testemunha desta situação a correspondência que mantém com Fliess, praticamente o único interlocutor nestes tempos.

Carta de 29.08.1888: “A própria atmosfera de Viena é pouco própria para fortalecer a vontade e para alimentar a confiança no êxito”.⁽¹⁾

Carta de 6.02.1896: “Como ninguém o faz por mim, eu me

aplaudo sozinho, resolvo descansar sobre os louros que eu mesmo me concedi”.⁽²⁾

Carta de 4.05.1896: “Estou tão isolado que podes sentir-te satisfeito, pois ao meu redor todos me voltam as costas. Até agora tenho suportado com serenidade. Mas o mais desagradável é que meu consultório está vazio pela primeira vez no ano”.⁽³⁾

Carta de 11.03.1900: “A recepção que o livro teve, e o silêncio que se fez em volta dele desde então, voltaram a destruir a relação germinante com meu ambiente”.⁽⁴⁾

A leitura da correspondência desta época nos coloca em contato com as dificuldades implicadas em sustentar uma palavra transgressora das “verdades instituídas”, que contém o germe da possibilidade de transformação de uma certa moralidade protegida e mantida pelos discursos do saber.

No entanto, talvez tenha sido este exato lugar o que permitiu a Freud prestar atenção naquilo que outorga à psicanálise sua fecundidade. “Como mostram as primeiras investigações psicanalíticas de Freud, a psicanálise presta atenção a tudo aquilo que fica à margem da prosa com a vida: palavras fisgadas no vôo, restos de um sonho, paradoxo de um gesto. Deve portanto cuidar-se para não substituir esta singularidade por uma ordem preestabelecida de relações, ainda que esta fosse constituída pelo saber organizado a partir destes descobrimentos. Convém-lhe a ordem inversa; todo esse ruído para converter-se em palavra, talvez, no final, seja interessante”.⁽⁵⁾

Em que se ancora Freud para não abandonar o árduo trabalho de montagem de uma tessitura conceitual? No corpo a corpo da clínica que lhe apresenta obstáculos, que o desafia com seus fracassos, que o questiona em seus avanços.

Carta de 27.10.1897: “Certa

* Digo isto por se tratar de um analista investido emblematicamente pela instituição: um analista didata.

idéia sobre resistência permitiu-me novamente encarrilhar todos os meus casos, que pareciam afundados num atoleiro; como resultado, voltaram a caminhar satisfatoriamente”.⁽⁶⁾

Carta de 2.11.1901: “Naturalmente só o trabalho me domina e estou disposto a levar minha unilateralidade ao extremo para progredir com meus pacientes”.⁽⁷⁾

No entanto, este avanço não seria possível sem um campo de transferência montado na relação com Fliess.

16.05.1897: ... “espero que agora volte a ser por muito tempo o mesmo que sempre fostes e que me permitas continuar abusando de ti como *público* indulgente. Tu sabes que de outro modo não posso trabalhar”.⁽⁸⁾

31.05.1897: ... “o quanto anoto é para ti e espero que o guardes bem”.⁽⁹⁾

Então, como esta cena está montada? De um lado, o desafio da clínica; de outro, a transferência com Fliess. E é no centro desta encruzilhada que fertiliza uma produção teórico-clínica que perpassa o caminho da chamada auto-análise. Cena que se recria em cada analista. Aí não há oposição entre teoria e clínica, não se corre o perigo da dogmatização esterilizante nem do empirismo empobrecedor. Transferência que Freud reconhece como intransferível (o que nos remete à questão clínica do encaminhamento). Transferência sustentada em um reconhecimento coletivo.

Carta de 28.05.1888: “A magia de seu prestígio é intransferível”.⁽¹⁰⁾

7.12.1901: “O professor D’ não pode transferir a confiança em ti para mim”⁽¹¹⁾, diz Freud ao referir-se à interrupção de um tratamento de uma analisanda encaminhada por Fliess.

Em agosto de 1902 chega a aprovação de sua nomeação como professor. Com ela, o lugar social da psicanálise começa a transformar-se.

Carta de 11.03.1902: “O entusiasmo público é indescritível. Chovem sobre nós felicitações e flores, como se o papel da sexualidade houvesse sido, de repente, sancionado por um ofício de Sua Majestade, como se todo o Conselho de Ministros houvesse confirmado a ‘Interpretação dos Sonhos’ e como se a necessidade de tratamento psicanalítico da histeria tivesse sido aprovado pelo Parlamento com maioria de dois terços”.⁽¹²⁾

11.03.1902: “Por mim, continuo disposto a trocar cinco felicita-

Freud sempre esteve atento à questão: quais são os efeitos na clínica do lugar social da psicanálise.

ções por um só caso que chegue a mim para tratamento extenso. Aprendi que este velho mundo é regido pela autoridade tal qual o novo é governado pelo dólar. Fiz minha primeira reverência frente à autoridade e posso esperar então receber o prêmio correspondente. Se os efeitos sobre os círculos mais distantes é tão considerável quanto o que comprovamos nos mais próximos, creio que minhas esperanças não serão em vão”.⁽¹³⁾

Freud esteve sempre atento à questão: quais são os efeitos na clínica do lugar social da psicanálise?

Em seu texto “O futuro da terapia psicanalítica”, fala-nos da *importância da autoridade* e da enorme *sugestão* que dela emana.

Afirma que as condições nas quais a clínica psicanalítica se realizava nos primeiros tempos explicam o fracasso de alguns tratamentos, e que o aumento da confiança geral na psicanálise implicará num aumento das possibilidades terapêuticas. Freud escreve este texto em 1910. Nada distante da época em que enfatiza a oposição da psicanálise às terapias sugestivas.

Agora, a sugestão retorna. Porém, como algo que a partir do coletivo dá suporte ao aparecimento da transferência. Nem por isso pode-se pensar os efeitos clínicos da psicanálise como sugestão, esclarece ele, já que esta atua também a favor de outros tratamentos de enfermidades mentais, sem por isto conseguir dominar as neuroses.

Lévi-Strauss faz uma comparação da medicina xamanística com o tratamento psicanalítico. O fato de que a metodologia do Xaman, na cura xamanística, não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a paciente acredita e ela é membro de uma sociedade que acredita.⁽¹⁴⁾ É claro que dentro do tratamento psicanalítico a eficácia simbólica (não vou desenvolver aqui esta questão) não pode ser pensada por aproximação com a medicina xamanística. Mas não se pode negar os efeitos do reconhecimento social na clínica.

É preciso distinguir a transferência enquanto montagem no interior do tratamento psicanalítico e a “transferência prévia” * * como concessão de um saber que desde o coletivo é feito sobre a figura do analista. Só neste sentido, o lugar do analista é herdeiro do lugar do xaman.

Cada coletivo (macro-social ou micro-institucional) vai marcando emblematicamente certos lugares, que se transformaram em fontes de

* * A expressão “transferência prévia” é usada por Luis Hornstein.

prestígio e favorecem o estabelecimento de transferências. Creio que a questão é — quais são os pactos que o movimento psicanalítico realiza com este coletivo, mesmo que ao preço de perder-se? (Basta pensar na forma em que “a peste”, levada por Freud para os Estados Unidos, transforma-se na Psicologia do Ego. Ou no fato de algumas Sociedades de Psicanálise aceitarem apenas médicos como membros: e não penso que psicanalista algum acredite em qualquer isomorfismo possível entre o campo psicanalítico e o diploma de médico).

Ou ainda, em quais momentos cada analista fica preso nos intercâmbios emblemáticos com o grupo a que pertence, mesmo quando este significa a perda do mais específico da montagem da situação analítica?

De Freud à instituição psicanalítica

Freud escreve “A História do Movimento Psicanalítico” em 1914. Realiza neste texto um primeiro movimento ao reconhecer-se como fundador da psicanálise e ao colocar-se, a si próprio, como instituição, fazendo coincidir os limites da psicanálise com os de sua própria pessoa. Num segundo momento, ao contar sua história, relança a psicanálise no contexto do movimento psicanalítico. Mostra como o cenário foi-se povoando, como ele foi saindo do isolamento. Mas, a partir deste momento, dá um sentido diferente aos anos de isolamento, ao colocá-los como uma *bela época heróica*. Reconhece certas vantagens deste isolamento a partir das complicações que a difusão e o crescimento trouxeram consigo.

Estes dois tempos, não sucessivos e sim simultâneos, estão presentes na vida de cada analista. Desde que o movimento psicanalítico existe, o analista Robinson Crusoe só pode ser um mito, pois todo analista e sua clínica recebem efeitos produzidos pelos movimentos deste cam-

po. Mas, ao mesmo tempo, sem a singularidade do analista não há psicanálise possível. A possibilidade e a limitação da psicanálise estão dadas pela singularidade do analista.

O movimento psicanalítico se institucionaliza tanto através da instituição psicanalítica quanto por meio da incorporação do discurso psicanalítico pelos discursos existentes: médico, filosófico, pedagógico. A institucionalização potencializa a possibilidade de difusão da Psicanálise, mas traz consigo muitas

Aquilo que era da natureza de instrumento, nas mãos do analista converte-se num *ideal instituído* que ele precisa sustentar com sua clínica.

complicações. Já se escreveu muito sobre os efeitos da pedagogização, medicalização etc. do discurso psicanalítico e seus efeitos da clínica — desde o *furor curandi* até a interpretação moralizadora. Basta lembrar as tentativas de incorporação da psicanálise como instrumento da estrutura pedagógica, que faz com que os analistas de crianças recebam em seus consultórios mães que trazem seus filhos por imposição da escola, sem sequer questionar a própria situação escolar. E assim por diante.

Porém, interessa-me destacar

um efeito produzido pela tentativa do controle institucional: uma certa separação da técnica em relação à teoria e à própria prática, criando-se o que se convencionou chamar de “teoria da técnica”, delegando-se à instituição o controle da transmissão e conservação da mesma.

Escuta-se muitas vezes falar de uma separação entre analistas clínicos e teóricos, como se esta afirmação não trouxesse em si mesma a negação da própria psicanálise como uma prática que se sustenta tanto na sua possibilidade quanto na sua limitação no saber o que se faz. “O ponto principal, que diz respeito à dificuldades clínico-técnica, é pensar que podemos fazer tudo, desde que se saiba o que se faz. Nesse momento é evidente que não se pode fazer tudo.”⁽¹⁵⁾

Outro efeito da institucionalização foi o processo de ritualização da prática em certas situações. A forma (*setting*) vai-se esvaziando do sentido e se repete automaticamente como um ritual. Além disso, ocorre um deslocamento do eixo, daquilo que é o central e específico da situação analítica, passando-se a definir a psicanálise pelo *setting*.

Então parece haver uma inversão — aquilo que era da natureza de instrumento, nas mãos do analista converte-se num *ideal instituído* que o analista precisa sustentar com sua clínica.

Castoriadis refere-se ao processo de alienação que as sociedades vivem em relação às próprias instituições. As sociedades as criam, mas depois lhes atribuem uma força transcendente que as garante. É como a constituição do poder totêmico. O tótem é uma criação imaginária instituída e investida de um poder mágico.⁽¹⁶⁾

O analista e os ideais instituídos

Nesta inversão, a instituição passa a ocupar o lugar do ego ideal narcísico, e perverte-se a relação do analista com sua prática.

A clínica é o lugar onde a teoria se re-cria: no discurso singular e na descoberta das verdades individuais e históricas se redescobre o inconsciente e, ao mesmo tempo, o sujeito se redescobre naquilo que o transcende, ao reconhecer os universais que o determinam; os obstáculos encontrados na clínica levam à conceitualização a ter que se repensar. Por acaso não é isto que faz com que o discurso freudiano, em sua extensão, seja cheio de idas e vindas? Não é isto que leva certos psicanalistas, como Laplanche, a tentar apreender os conceitos na história espiralada de sua construção? Nas marchas e contramarchas de um processo de gestação inacabada e permanente?

Quando a clínica sai do lugar disruptor e motor da conceitualização, se convertendo no suporte do discurso do saber, as instituições psicanalíticas viram seitas religiosas que se sustentam no gozo narcísico das pequenas diferenças. * * *

Olhar-se nos olhos daquele que me olha e reconhecer-me como igual, não deixando lugar para o convívio com as diferenças é o que Freud conceituava como sendo o funcionamento das massas. Aí o líder, ou a "idéia-líder", ocupa o lugar do ideal, com o qual todos os indivíduos se identificam ao fazer-se imagem e semelhança, às custas de renunciar às modalidades individuais.⁽¹⁸⁾

No desenvolvimento feito por Freud na "Introdução ao Narcisismo", o ego-ideal-narcísico aparece por um deslocamento. A criança, não querendo renunciar à procura da perfeição, tenta conquistá-la sob a forma de ego-ideal. De posse dele, sem renunciar ao narcisismo, a criança consegue responder às solicitações ou exigências dos adultos, já que este ego-ideal aparece como instância mediadora entre o individual e o coletivo.

"A partir da triangulação edípica, o ideal coloca-se mais além do ego atual; a ferida narcísica produz uma fissura que separa o ego do

ideal e projeta no futuro o seu encontro com ele. No ideal a perda do objeto dimensiona o passado como falta. Converte-se na distância que separa o futuro do presente. O ego não é o ideal, mas virá a sê-lo: o ideal do ego origina-se de um não ser e esperar ter".⁽¹⁹⁾

Mas duas afirmações de Freud parecem-me dignas de atenção:

1. "A distância entre o ideal do ego e o ego atual é muito variável e, em muitos casos, não supera os limites que apresenta na criança".

2. "O sujeito tentará retornar ao

Ilusão: o lugar ideal narcísico está ocupado pelo ritual, pela instituição, pelo discurso teórico que se oferece sem falhas.

narcisismo, escolhendo, conforme o tipo narcísista, um ideal sexual que possui a perfeição que falta ao ego para chegar ao ideal".⁽²⁰⁾

É nesta possibilidade de retorno que Freud coloca o suporte dos processos de idealização, onde o objeto ocupa o lugar do ideal. Onde o outro é suporte de uma expansão narcísica. É isto o que acontece com o hipnotizador ou com o líder da massa.

Freud retoma o tema no estudo das religiões, no fenômeno da ilusão.

A ilusão é algo que surge de um

desejo: o de evitar o contato com a vulnerabilidade humana, criando uma figura de pai protetor, sem falhas nem faltas, recriado na onipotência e na onipresença de uma figura divina. A ilusão narcísica de plenitude.

Sustentar o lugar de analista implica dificuldades. A renúncia narcísica de suportar, mas para dissolvê-lo, o lugar de saber que nos é outorgado, sem confundir-se com ele. O convívio com a incerteza com a qual nos confronta a procura daquilo que constantemente nos escapa. O introduzir o corpo na cena para ser o palco do desfraldar das transferências. O nos deparar com os limites da possibilidade de interferir num processo que é por nós conduzido, mas que nos transcende nas determinações de uma história e nas vicissitudes de um desejo que é de outro.

Refugiar-se em uma ilusão é talvez pôr em campo um desejo de livrar-se deste incômodo. Ilusão — o lugar ideal narcísico está ocupado: pelo ritual, pela instituição que autoriza, pelo discurso teórico que se oferece como sem falhas e capaz de dar conta de tudo.

Voltando os olhos para a clínica

"Se tentarmos apreender nos livros o nobre jogo de xadrez, não tardaremos em notar que só as aberturas e as finais podem ser objeto de uma expressão sistemática exaustiva, à qual, por outro lado, se subtrai a infinita variedade das jogadas que se seguem à abertura. Limitar-se ao estudo de partidas celebradas entre mestres no xadrez pode preencher esta lacuna. Pois bem, as regras que podemos indicar para a

* * * *Duas cidades vizinhas serão sempre rivais e o mais insignificante povoado olhará com desprezo os povoados limítrofes. Nos sentimentos de repulsão e de aversão que surgem, sem disfarce algum, contra pessoas estranhas, com as quais nos achamos em contato, podemos ver a expressão do seu narcisismo, que tende a se afirmar e se conduz como se o menor desvio de suas propriedades e particularidades individuais implicasse uma crítica das mesmas e um convite a modificá-las".⁽¹⁷⁾*

prática do tratamento psicanalítico estão sujeitas a idêntica limitação.”⁽¹⁸⁾

Na analogia do jogo de xadrez, não se pode pensar em uma técnica psicanalítica independente da própria prática. Prática esta regida por uma legalidade que a define em sua especificidade.

O encontro de alguém que procura ajuda para um sofrimento, com outro (analista), que lhe propõe a busca de algum sentido para o sintoma, cria um espaço possível para a montagem da transferência. Mas como pensar este tempo de chegada? Na analogia de Freud o início da análise evidencia-se como momento especial, e sem dúvida, o é. Porém, para que uma análise possa ser iniciada, é necessário que um pedido possa ser escutado. Refiro-me a que se ponha em jogo, desde o primeiro momento, a “escuta analítica”. Entre outras normas, a escuta analítica rege-se pela regra de abstinência e esta implica: não responder ao que o analisando demanda, por exemplo quando lhe é demandado ocupar o lugar de ideal: “Como você pensa que deve ser uma análise?”

No decorrer da partida (seguindo a metáfora) as jogadas são infinitas. Então, cada tratamento é único e as estratégias se validam a partir da regra fundamental que rege a situação analítica. Portanto, as jogadas encontram sua validade no fato de aproximar mais ou afastar menos da entrada em campo desta lei: a associação livre versus a atenção flutuante. Ainda que nunca se alcance total coincidência com ela. É isto o que leva Fédida a dizer que cada processo de análise é sempre um desvio e que não existe análise ideal.

Atualmente o psicanalista não vive à margem do reconhecimento social; pelo contrário, a psicanálise ocupa lugar de peso no mundo cultural de nossa época. Sua situação não é de isolamento, existe uma comunidade de analistas numerosa.

O movimento psicanalítico é um mundo povoado por múltiplas instituições. Há pluralidade de pensamentos teóricos e de práticas conduzidas diferentemente.

Em certos momentos, seu discurso se cruza com outros discursos. É grande sua acolhida nos espaços institucionais. O campo de transferências é complexo. Como analista, que exerce sua prática neste tempo, interrogo-me:

— No meio deste reconhecimento social, como não perder a potência disruptora que germinou desde

Cada tratamento
é único e
as estratégias se
validam a partir da
regra fundamental
que rege a situação
analítica.

o nascimento da Psicanálise na marginalidade, e a fez fecunda?

— Como aproveitar a oportunidade de interlocução que nos dá a presença de outros analistas sem renunciar à solidão necessária para o exercício da função? No processo de alienação a um outro: discurso, mestre, instituição, a solidão não existe. Mas, será que existe o analista?

Existem práticas que levam a psicanálise ao encontro de seus limites e conduzem o analista à necessidade de recorrer a outros discursos. Como a psicanálise pode sair enri-

quecida da interlocução com outro discurso, sem renunciar àquilo que lhe é próprio?

As instituições cumprem algumas funções importantes: como lugar de intercâmbio entre colegas, como espaço no qual as transferências circulam, assim como no processo de transmissão e difusão da psicanálise.

Creio que é aqui onde a questão do ideal pode ser retomada. Há um ideal referido a uma forma de pensar a psicanálise, a um destino desejado para o movimento psicanalítico. Cada analista constrói este ideal como resíduo de processos identificatórios ocorridos no interior de sua própria análise, nas experiências de supervisão, leitura de textos, intercâmbios com colegas.

Na medida em que este ideal se constrói com os restos de processos identificatórios, supõe-se que ele seja singular e histórico e, portanto, não imposto por uma instituição. Supõe-se também que ele seja da ordem de ideais que se liberam da onipotência e que implicam a aceitação da castração no registro identificatório.⁽²²⁾

Supõe-se que cada analista passe por uma transformação no lugar da transferência que lhe permite a apropriação das heranças. É uma rearticulação singular dos restos identificatórios que atua propiciatoriamente, abrindo para cada analista um caminho para pôr a psicanálise “a trabalhar”.

Por sua vez, a forma em que se pensa a psicanálise determina diferentes formas institucionais que exercem diferentes efeitos sobre seus membros e sobre as possibilidades de suas práticas.

É possível pensar formas de organização institucional onde os ideais singulares e históricos não sejam barrados por uma organização que segue o modelo da massa. No modelo de massa todos os membros se ligam a um traço que os unifica, excluindo-se as individualidades. Este traço pode ser desde o próprio